

MESA REDONDA

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO

José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima
DEHIS/UFOP

Ao historiador que opta por enveredar pela trilha da preservação da memória histórico-cultural de seu povo - e essa é nossa opção -, vários são os problemas que tornam seu caminho uma tarefa angustiante. Um deles, a questão da definição do objeto de pesquisa que, em última análise, define o que vai ser preservado, para nós é crucial. Benjâmin, nas "Teses sobre a Filosofia da História", redigidas no ano de sua morte, em 1940, e publicadas seis anos depois, afirma: "Ha um quadro de Klee que se chama Angelus Novos. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nos vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína, e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se a suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso". E nessa afirmação de Benjâmin que devemos buscar nosso objeto de pesquisa - falamos, portanto, dos fragmentos citados por ele -, são neles que nossa memória encontra a chave capaz de despertá-la. E através deles que podemos, mesmo fragmentariamente, tentar reconstruir algo que diz respeito ao nosso tempo e as nossas inúmeras expectativas.

Outra questão com a qual nos defrontamos sempre: "para que preservar?". Esta indagação é nossa e também, em maior número, daqueles que se envolvem diretamente com os bens a serem preservados, sejam estes as populações das cidades ditas históricas ou aqueles que por várias razões, sistematicamente, se afastam ou são afastados de sua própria história. Para essa questão respondemos com uma frase de Fernando Brandt: "Minha arma é o que a memória guarda". Se é esta a nossa arma, e os fragmentos do passado são capazes de colocá-la em ação, a questão está parcialmente resolvida.

Mas esta memória agora transformada em arma engatilhada, de nada serve na ausência de um alvo claro e determinado. No mesmo trecho citado anteriormente, Walter Benjâmin nos dá esse alvo. Trata-se da Tempestade que vem do paraíso: forma irônica de se referir a modernidade, que é concomitantemente promessa de emancipação e projeto de dominação. A única forma de resolver de vez este problema é a perspectiva de futuro que a recuperação daqueles fragmentos e, portanto, da

memória, nos da, impedindo, assim, que mais uma vez o anjo da História evite olhar para como em Klee.

Neste sentido, um projeto vem sendo desenvolvido, no Laboratório de Pesquisa Histórico, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, por nossos alunos e sob nossa coordenação, e tem por título "Inventário do Acervo Cultural no Município de Mariana. Propõem inventariar, catalogar e estudar verticalmente os bens culturais moveis e imóveis de Mariana, visando a recuperação, mesmo fragmentariamente, da memória histórica municipal e sua posterior divulgação. O projeto está sendo acionado por partes e divide-se operacionalmente em seis módulos: 1 - urbanismo, 2 - arquitetura, 3 - talha ornamental, 4 - pintura decorativa, 5 - imaginária e 6 - artes decorativas, com subdivisões temáticas que estão sendo criadas ao longo de sua efetivação,

Objetiva prioritariamente:

1 - criar um núcleo referencial histórico-documental- iconográfico sobre Mariana, sediado no Laboratório de Pesquisas Históricas do Instituto de Ciências Humanas e Sociais desta Universidade, montado a partir de dossiês organizados para cada objeto estudado;

2 - instrumentalizar os alunos do Departamento de História desta Instituição, no que tange as pesquisas bibliográficas e arquivísticas, acrescidas da elaboração de textos técnicos;

3 - contribuir para que esta Universidade possa auxiliar aos poderes públicos constituídos e as instituições pertinentes na tarefa de conservação, revitalização, utilização e divulgação destes bens patrimoniais.

:

No atual estágio desse Projeto, iniciado em outubro de 1990, a equipe está estudando o sistema de abastecimento d'água, seu esgotamento e os chafarizes da cidade de Mariana, uma das subdivisões do primeiro módulo (urbanismo).

A escolha desse tema se justifica na medida em que a água consumida em Mariana, até hoje, não tem tratamento adequado. As elites políticas contemporâneas ainda não se sensibilizaram, de fato, com esse assunto e se negam sempre a discutir verticalmente e a resolve-lo, o que para nós, e uma das questões básicas para o completo desempenho da cidadania, visto envolver a saúde da coletividade pela quais são responsáveis.

Desta maneira, esse Projeto e a materialização de uma forma de ação que encontramos para resolver, em parte, a questão da salvaguarda material dos monumentos históricos e sairmos do marasmo positivista dos inventários até agora realizados. Tendo como "móvil" o estado de conservação dos chafarizes, estamos criando condições de pressionar, na esfera da política, essa perspectiva de futuro, questionando esse projeto de dominação, imposto pela modernidade e presente nas péssimas condições atuais, entre outras, de captação e distribuição da água na malha urbana.

Ao fim, mas não menos importante, resta salientar que essa pesquisa é financiada pelo Programa de Bolsa de Pesquisa da Coordenadoria de Projetos Acadêmicos da Diretoria de Ensino desta Universidade.